

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte – Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARVALHO, Bernardo. “Em defesa da obra”. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/em-defesa-da-obra>. Edição 62, nov./2011. Acesso em 12/12/2017.

PÉCORA, Alcir. “O inconfessável: escrever não é preciso”. *Sibila* (Cotia), v. 10, p. 92-99, 2006 .

PÉCORA, Alcir. “A hipótese da crise (impasses da literatura contemporânea)”. *O Globo*, Rio de Janeiro (RJ), p. 01 - 03, 23 abr. 2011.

PÉCORA, Alcir. A Literatura Brasileira atual no olhar de Alcir Pécora. *Tema* (São Paulo. 1986), 01 jun. 2010.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. São Paulo: Edusp, 2018.

PÉCORA, Alcir e RESENDE, Beatriz. Desentendimentos: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AoEfHt_6fo8 in 06/05/2011. Acesso em 13/12/2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Enviado em : 01/07/2021.

Aceito em : 20/11/2021.

Cartografia performativa: proposta de abordagem qualitativa para as ciências humanas

Performative cartography: proposal for a qualitative approach in Human Sciences

Claudia Maria de Lima Graça²
Clarissa Rodrigues Gonzalez³

Resumo: Este artigo propõe o uso do que chamamos de ‘cartografia performativa’ como abordagem qualitativa para realização de pesquisas nas ciências humanas. De caráter processual, experiencial e interpretativo, “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21), esse tipo de cartografia tem como objetivo a produção de textos que expressem o modo como a/o pesquisador/a se vê atravessado/a pela experiência investigativa, vinculando a produção de conhecimento ao compromisso ético de articular discurso e ação, teoria e prática. Essa abordagem pode resultar útil não apenas em estudos de caso que envolvam imersão em territórios on/off-line, mas também no acompanhamento de percursos, na implicação da/o pesquisador/a em processos de geração de dados, na conexão de redes ou de mapas fluídos. Por supor a (re)construção contínua tanto da pesquisa como da/o pesquisador/a, qualificamos esse tipo de cartografia como performativa, o que nos permite, ademais, enfatizar o modo como a linguagem – seja oral escrita, imagética, audiovisual, cibernética etc. – empregada na confecção de nossas narrativas/trajetórias, dentro e fora da academia, é uma forma de agir no mundo social. Por fim, concluímos que tal abordagem pode ampliar o leque de opções disponíveis para empreender pesquisas de teor autoral nas ciências humanas, enfatizando o engajamento político e os processos subjetivos pelo/a pesquisador/a vivenciados.

Palavras-chave: Cartografia performativa. Abordagem qualitativa. Enfoque processual-experiencial.

Abstract: This paper proposes the use of what we call 'performative cartography' as a qualitative approach for conducting research in the human sciences. It has a procedural, experiential and interpretative base, “entirely focused on experimentation anchored in reality” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21), and this type of cartography aims to produce texts that express the way in which the researcher is affected by the investigative experience, linking the production of knowledge to the ethical commitment of articulating discourse and action, theory

2 Professora adjunta do departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

E-mail: claudiagraca@medicina.ufrj.br.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6804-1122>

3 Doutoranda no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. Bolsista Capes.

E-mail: gonzalezclariss@gmail.com.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3521-897X>

and practice. This approach can be useful not only in case studies that involve immersion in online/offline territories, but also in the follow-up of paths, in the involvement of the researcher in data generation processes, in the connection of networks or fluid maps. By assuming the continuous (re)construction of both the research and the researcher, we qualify this type of cartography as performative, which also allows us to emphasize the way in which language – whether oral, written, imagery, audiovisual, cybernetics etc. – used in the making of our narratives/trajectories, inside and outside the academy, is a way of acting in the social world. Finally, we conclude that such approach can broaden the range of options available to undertake authorial research in the human sciences, emphasizing the political engagement and subjective processes experienced by the researcher.

Keywords: Performative cartography. Qualitative approach. Procedural-experiential focus.

Introdução

Este artigo parte da abordagem proposta na tese de doutorado de uma das autoras deste texto, intitulada “Circulação de discursos e produção de existências: cartografia performativa em uma ocupação urbana para moradia” (GRAÇA, 2020) com o objetivo de apresentar/propor a ‘cartografia performativa’ como abordagem qualitativa para a realização de pesquisas nas ciências humanas.

A cartografia já vem sendo empregada por pesquisadores brasileiros em diferentes áreas de estudos (como saúde, ciências sociais, psicologia) ao longo dos últimos anos e ressignificada no trabalho de Rolnik (2006 [1989]), Merhy (2002), Mairesse e Fonseca (2002), Passos, Kastrup e Escóssia (2009), Graça (2020), entre outros.

Neste artigo, apontamos o quanto o caráter processual e desafiador de uma investigação que tome a cartografia como abordagem de pesquisa se vê fortalecida, posto que sua utilização supõe o uso de “uma espécie de tecnologia de reconsideração das significações dominantes” (GUATTARI, 1988, p. 175), que prioriza o processo de construção de pesquisas em diálogo com a multiplicidade de acontecimentos a ela circunscritos e que atenta para a linguagem em uso, as vivências nos campos de investigação, a inseparabilidade entre o conhecer e o intervir, (re)construindo o lugar de pesquisador/ pesquisadora, lado a lado dos/das pesquisados/pesquisadas, entendendo que ambos encontram-se em

processos de coprodução mútua e simultânea ao longo da experiência investigativa.

Para isso, sugerimos uma reformulação do embasamento teórico da proposta cartográfica, ao aliá-la à noção de performativo (AUSTIN, 1990 [1962]) a fim de dar protagonismo à linguagem na produção de conhecimento e na compreensão não apenas do mundo social, mas também das experiências nele articuladas (AUSTIN, 1990 [1962]). Isso faz com que a ‘cartografia performativa’ se configure como uma abordagem investigativa onde “o discurso é visto como uma prática na qual tanto o discurso quanto o sujeito são realizados performativamente” (FABRÍCIO, 2006, p. 81) no decorrer dos eventos sociais em que diferentes realidades, pontos de vista e experiências de mundo emergem.

Cabe, antes de fundamentarmos teoricamente a cartografia performativa como uma aposta na experimentação investigativa, destacar que é de extrema relevância que a abordagem aqui apresentada se conecte com estudos orientados “por valores e juízos éticos, tendo em vista não valores universais, mas sim valores democraticamente definidos na esfera pública e no diálogo aberto” (FABRÍCIO, 2006, p. 62). Nesse sentido, um enfoque cartográfico necessariamente aponta para a necessidade de se estabelecer um compromisso ético e político tanto na articulação entre discurso e ação, bem como na relação entre pesquisador/a e sujeitos de estudo e informantes na coprodução do gesto cartográfico. Dessa forma, optamos, neste artigo, por apontar caminhos que podem auxiliar a/o cartógrafa/o ao na elaboração de sua cartografia.

Dito isso, partimos da historicização de como a cartografia, enquanto abordagem investigativa, tem sido utilizada para problematizarmos as diferentes linhas de composição que podem convergir durante a realização de uma empreitada cartográfica como a aqui proposta, cujo caráter qualitativo, processual, experiencial e interpretativo pode resultar útil para pesquisas que prezem pelo acompanhamento de percursos, pela implicação pessoal da/o pesquisador/a em processos de geração de dados, pela conexão de redes ou de mapas fluídos. Soma-se a isso o fato de que o tipo de empreitada aqui proposto é performativo (AUSTIN [1962] 1990), ou seja, entende que o gesto cartográfico, como produção de linguagem, é uma forma de agir no mundo social. Logo, o processo de tessitura da cartografia performativa, despe-se de qualquer carga representacional, já que se constrói “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Feitas essas considerações iniciais e tendo em tela que são múltiplas as sessões em uma construção cartográfica, destacamos à continuação aquelas que compõem este artigo. Na primeira, fazemos uma breve historicização dos principais aportes teóricos, abarcando estudiosos de diversas áreas do conhecimento que contribuíram para ressignificar o que hoje se entende por cartografia e alguns dos seus possíveis usos investigativos. Na seção seguinte, ao versar sobre a noção de performativo, revisitamos a teoria de Austin ([1962] 1990) com vistas a tratar da construção performativa no gesto cartográfico. Logo tecemos as considerações finais, seção na qual aportamos os principais ganhos que a utilização da ‘cartografia performativa’ como abordagem de pesquisa pode aportar.

Cartografia como abordagem investigativa e o perfil do/da cartógrafo/cartógrafa

O conceito tradicional de cartografia adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (1999) foi introduzido no Brasil por volta do ano de 1839, tendo como concepção inicial a ideia do traçado de mapas. O conceito de cartografia hoje aceito e usado pelo IBGE (1999, p. 12) em seus estudos foi dado pela Associação Cartográfica Internacional (ACI⁴) em 1966 e ratificado pela UNESCO no mesmo ano:

A cartografia apresenta-se como o conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que, tendo por base os resultados de observações diretas ou da análise de documentação, se voltam para a elaboração de mapas, cartas e outras formas de expressão ou representação de objetos, elementos, fenômenos e ambientes físicos e socioeconômicos, bem como a sua utilização.

Para Diez Tetamanti (2018), a cartografia tradicional, como a descrita pelo IBGE (1999), é sempre parte de um discurso, de uma administração do conhecimento, de uma política do conhecimento, com potencial para atuar como um instrumento de dominação que responde a um determinado conhecimento e poder (FOUCAULT, 1979). Por trás da elaboração de um mapa, na cartografia tradicional, existe um objetivo institucionalizado que fundamenta o desenho e a instituição (militar, acadêmica, agências governamentais) que o classifica, o

4 http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/introducao.html

seleciona e padroniza as informações que nele serão incluídas, assim como as que serão preteridas. Segundo Harley (2005, p. 203), “o mapa se torna um território legal: facilita a medição da terra e seu controle [...] é uma potência externa, muitas vezes centralizada e exercida de maneira burocrática, imposta de cima e manifestada em atos específicos ou em fases de política deliberada.”

De acordo com esta visão, o/a cartógrafo/a seria simplesmente a/o reproduzidor/a de um mapa tradicional, que aceita e emprega os sistemas convencionais de signos topográficos representando mimeticamente a “realidade”. Buscando-nos afastar de tal concepção, concebemos a cartografia como um método de pesquisa que reverte o sentido do termo e se distancia da “abordagem teórica e da política cognitiva da representação de um mundo supostamente dado” (PASSOS, KASTRUP; TEDESCO, 2016, p. 9) e se apresenta como uma investigação que busca a dimensão processual da realidade no próprio percurso da pesquisa.

Estudos mais recentes passam a trabalhar, então, com um outro conceito de cartografia, a partir do que foi proposto pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995). Para esses estudiosos, o procedimento de cartografar é também utilizado no sentido de acompanhar percursos; se envolver com o processo de produção; se conectar em redes; possibilitar a construção de um mapa e não de um decalque (uma imitação fidedigna).

A construção cartográfica proposta por Deleuze e Guattari (1995) não dissocia o sujeito do objeto investigado, pois ambos se encontram amalgamados no processo da experiência. Esse processo de experiência coloca o/a pesquisador/a e o objeto da investigação em um nível comum, que os unifica, promove o diálogo e a troca de informações em ambas as direções, pois “compartilham elementos da experiência na qual um processo de enriquecimento ocorre no conhecimento da realidade vivida” (DIEZ TETAMANTI, 2018, p. 429).

Dentre as características do mapa cartográfico, Deleuze e Guattari (1995, p. 30) destacam ainda que este é um projeto sempre em desenvolvimento, já que é:

“[...] aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a

montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social [...]"

Igualmente vale sinalizar que a cartografia como abordagem investigativa se afasta do rigor de um conjunto de regras previamente estabelecidas para a composição dos mapas da pesquisa. Ela é constituída por mapas móveis que se conectam, envolvendo não somente as relações sociais e políticas existentes, como também os efeitos materiais produzidos performativamente pela multiplicidade de discursos em questão. Isso nos ajuda a problematizar os nossos modos de ser e agir, ajudando-nos a reconhecer se reproduzimos o modo como se forjam as disputas de forças sociais que afetam nossas subjetividades e a forma de produzirmos pesquisas.

Cartografia como uma reversão metodológica: de *metá-hodós* a *hódos-metá* em pesquisas brasileiras

Passos, Kastrup e Escóssia (2009) alertam que o sentido tradicional da palavra metodologia está impresso na própria etimologia da palavra, que vem do grego *methodos* – *metá* (por meio de) e *hodós* (caminho). Segundo os pesquisadores, a metodologia de uma pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado por certas metas propostas (*metá*). São essas metas, portanto, que estabelecem o caminho a ser seguido na investigação. De maneira completamente inversa, “a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hodós* em *hódos-metá*” (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009, p. 10), ou seja, estipular metas a partir do caminho que se vai percorrendo.

Na visão dos autores supracitados, essa reversão consiste na aposta em um caminho a ser experimentado e assumido como atitude por parte do pesquisador sem renunciar ao rigor e à precisão do método, o qual deve estar conectado com sua resignificação. A precisão dos caminhos (*hódos*) de uma cartografia não deve ser entendida como exatidão, mas como “compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, p. 11). Assim sendo, não há caminho delineado *a priori*: o caminho é configurado performativamente no próprio ato de caminhar.

Em 1982, a psicanalista Suely Rolnik acompanhou a vinda do filósofo Félix Guattari ao Brasil e, em trabalho conjunto, esses dois pesquisadores escreveram

o livro-rizoma *Micropolítica. Cartografia do desejo* (GUATTARI; ROLNIK, 1986), no qual apontam diferentes linhas de composição da experiência macro e micropolítica brasileira durante os anos finais da ditadura e o início do processo de democratização institucional, encaminhado pela onda neoliberal e a globalização capitalista.

Ainda nos anos 1980, Suely Rolnik apresentou um novo trabalho como cartógrafa: *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. Na visão da própria autora (ROLNIK, 2006 [1989], p. 14), o livro é um testemunho da vivência de duas décadas de “movimentos de resistência à sociedade disciplinar própria ao capitalismo industrial, os quais antecedem a instalação do novo regime e que resultam em um momento marcante do final do século vinte”. A autora apresenta uma proposta de realização de cartografias sentimentais – tomando o termo sentimental no sentido de afeto – com o objetivo de traçar diagramas do afetar e ser afetado.

Mais recentemente, a cartografia vem sendo retrabalhada e ampliada em diferentes grupos de pesquisa brasileiros. Estudos qualitativos realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na área das ciências humanas, ratificam o uso da cartografia como modo de orientar pesquisas, segundo apresentado no livro *Cartografia e devires. A construção do presente* (FONSECA; KIRST, 2003). Em São Paulo, no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o pesquisador e professor Sérgio Carvalho e o grupo Conexões (formado por pesquisadores da referida universidade) têm ampliado o uso desse enfoque em investigações sobre práticas de atenção e gestão em saúde, como modo de acompanhar o movimento da reforma sanitária brasileira e das lutas para a produção de políticas públicas no Brasil.

Cartógrafos do Nordeste do país, ligados ao Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e ao grupo de pesquisa Prosaico, também têm apostado na cartografia em seus estudos no campo da saúde pública. Do mesmo modo, no Rio de Janeiro, segundo Cintra, Mesquita, Matumoto e Fortuna (2017), o grupo de pesquisa do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) vêm, ao longo dos últimos anos,

formulando projetos de pesquisas e publicando artigos e livros que abordam o tema da cartografia como problema metodológico em suas produções. Ao investigarem processos de subjetividade, eles elaboraram dois volumes com pistas sobre o uso da cartografia como possibilidade de guiar os/as pesquisadores/as na apropriação de um enfoque processual (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009, PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016).

Com base em um estudo cartográfico performativo, uma das autoras desse artigo, Graça, apresentou, em 2020, sua tese de doutorado ao Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da UFRJ. Nela, realizou um mapeamento das inúmeras entextualizações de narrativas, geradas de fontes diferenciadas, sobre os prédios e os/as moradores/as de uma ocupação em prédios de órgão público na cidade do Rio de Janeiro. O principal objetivo da investigação era cartografar e analisar textos oriundos da imersão (territorial e online) realizada pela pesquisadora tanto na ocupação como no processo de documentação sobre o tema (buscas em diversos sites, portais, redes sociais etc.), e se centrou no emprego dos múltiplos recursos semióticos que compunham os textos sob análise e as ideologias para as quais estes apontavam, atentando para o modo como projetavam performativamente a ocupação e seus/suas moradores/as (GRAÇA, 2020).

Para além das nossas fronteiras, outros/as estudiosos/as vêm se associando em torno de parcerias internacionais para o desenvolvimento de modos de construir “outras cartografias” que permitam o entrelaçamento entre disciplinas e o diálogo entre áreas diversas, como é o caso da Geografia. Com a intenção de redimensionar as ideias de Deleuze e Guattari (1995), Diez Tetamanti (2012) desenvolveu conceitualizações e processos metodológicos da construção cartográfica, os quais foram publicados no livro *Cartografía Social, investigación e intervención desde las ciencias sociales* (DIEZ TETAMANTI et al 2012). O volume em questão reúne vários trabalhos produzidos por pesquisadores/as, estudantes e professores/as da Argentina e do Brasil.

Todo esse investimento acadêmico realizado no Brasil e em outros países tem contribuído de forma valiosa para o fortalecimento da diretriz cartográfica como abordagem investigativa em diferentes áreas de estudos.

A construção performativa no gesto cartográfico

Compreender o texto e o discurso como performances demanda dos analistas não apenas uma atenção à intrínseca relação de textos com seus contextos ou sua contextualização, mas também à característica fundamental que os textos têm de se descontextualizarem (SILVA, 2014, p. 68).

A importância de destacarmos a construção performativa no gesto cartográfico na produção de uma pesquisa, nos indica o quanto estudos cartográficos performativos se distanciam da produção de estudos linguísticos representacionistas e estruturalistas, uma vez que a performatividade na linguagem está implicada na autonomia da ação sobre a descrição.

Nessa perspectiva, o mapeamento de eventos, narrativas, discursos, dentre outros dados/materiais utilizados para a construção de uma cartografia performativa, já é uma ação em si ao invés de mera representação de um objeto estudado, (re)criando as realidades daquilo que é descrito e propondo novas interpretações para melhor compreender “as ações humanas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas” (BRONCKART, 1999 *apud* MELO; FERREIRA, 2017, p. 407).

A noção da linguagem como ação surgiu a partir dos estudos de John Langshaw Austin (1990 [1962]) sobre atos de fala no campo da Filosofia da Linguagem. O autor, inicialmente, diferencia dois tipos de atos de fala: constataativos e performativos. Os primeiros seriam aqueles que, como o nome sugere, efetuem constatações. Frases como “o céu está azul, não tem uma nuvem” seriam um exemplo clássico. Estes atos de fala constataativos poderiam ser verdadeiros ou falsos. Para comprovar se gozavam de veracidade, bastaria, no caso em questão, checar em que condições o céu se encontra. Os performativos seriam aqueles atos de fala que operam fazeres. Quando um juiz enuncia sua sentença (inocente/culpado), ele não produz uma mera constatação. Ele vai além: realiza uma ação. O seu ato de fala – a sentença enunciada – produzirá efeitos materiais concretos (a liberdade ou encarceramento da pessoa julgada).

De uma forma geral, a produção de linguagem passa a ser caracterizada como um ato performativo na medida em que é compreendida como uma ação que se realiza no momento da sua enunciação. Essa perspectiva é apresentada no

livro *Como fazer coisas com palavras*⁵ (AUSTIN, 1990 [1962], tradução nossa), lançado no Brasil como *Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação*. No referido livro, o autor defende que os atos de fala performam ações, advindo daí o termo performativo. A partir dessa visão, Austin conclui que a linguagem é primordialmente performativa, o que implica dizer que atos de fala constituem/constroem realidades ao serem proferidos.

A teoria de Austin (1990 [1962]) está inserida no que se entende por virada linguística. Sua construção teórica se desvincula de uma visão lógico-positivista e predominante na Filosofia Inglesa durante o século XX, segundo a qual a linguagem seria meramente descritiva, limitando-se a constatar/descrever estados de coisas. Com suas teorizações, Austin revolucionaria não só a Filosofia naquele momento, mas também questionaria postulados fundamentais da Linguística enquanto ciência autônoma. Influenciaria, a posteriori, filósofos como Derrida e Butler.

No início de seu percurso teórico, Austin entende que a análise da linguagem ordinária deve se ocupar de um tipo específico de enunciados, os quais não têm o compromisso de descrever a realidade e, de fato, não a descrevem, mas, ao contrário, atuam sobre ela. Logo, não podem ser avaliados como verdadeiros ou falsos (como a sentença do juiz, mencionada no exemplo: pode-se não estar de acordo com dita sentença, mas não dizer que é falsa quando a mesma foi emitida, em juízo, por uma pessoa com autoridade para tal). Mais para o fim de sua obra, Austin (1990 [1962]) conclui que todos os enunciados são performativos (até mesmo aqueles que, em um primeiro momento, ele chamou de “constatativos”) porque os atos de fala sempre realizam algum tipo de ação (quando afirmamos que “o céu está azul, não tem uma nuvem”, está aí implícita a ação de afirmar). Torna-se mais fácil perceber como os atos de fala agem no mundo social ao observamos as três instâncias simultâneas que, segundo Austin, compõem o ato de fala:

- 3- Locucionária: emissão de sons e palavras com significados – o “dizer”;

5 No original: *How to do Things with Words*.

- 4- Ilocucionária: execução de uma ação ao se realizar determinado proferimento, esta dimensão corresponde à força comunicativa que faz como que determinada enunciação seja capaz de realizar uma ação – o “em dizer”;
- 5- Perlocucionária: efeito que o ato de dizer provoca – o “ao dizer” (SCHIFFRIN, 1994).

Essas três instâncias, em suma, evidenciam o caráter performativo dos atos de fala, ou seja, o modo como estes, ao serem enunciados, operam fazeres. Demonstrar como se dá esse fazer é fundamental para compreender a originalidade do pensamento de Austin. Para o autor, o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação.

A realização desses atos, para o filósofo, é algo composto por elementos que ultrapassam a dimensão meramente linguística. Para que possamos praticar uma ação na e através da linguagem, Austin (1990 [1962], p. 30) esclarece que além “[...] do proferimento das palavras chamadas performativas, muitas outras coisas em geral têm que ocorrer de modo adequado para podermos dizer que realizamos, com êxito, a nossa ação”. Esses atos, chamados de performativos, “têm ou não sucesso – são felizes ou infelizes, nas palavras do filósofo – dependendo dos fatores presentes na situação total de fala: respeito a procedimentos convencionais, o uso das palavras certas pelas pessoas certas nas circunstâncias certas e a realização do efeito esperado” (BORBA, 2014, p. 462). Sendo assim, para que os atos de fala possam executar ações, é necessário cumprir certas condições sociais, uma vez que as ações são efetuadas à medida que seguem um conjunto de regras intersubjetivamente estabelecidas e aceitas pelos/as próprios/as usuários/as da linguagem (PINTO, 2007). Se tais condições não são seguidas, a ação enunciada não se realiza. Um dos exemplos que Austin cita para ilustrar casos em que essas condições sociais não são satisfeitas é o da encenação teatral: um ator/uma atriz repete um texto no palco, não é, de fato, aquilo que diz ser. Logo, se ele/ela interpreta um/a juiz/a numa peça teatral, seus atos de fala (voltemos a considerar o caso da enunciação de uma sentença) não têm validade pois não cumprem as condições sociais necessárias para que a realização da ação enunciada ocorra. O ator/a atriz não é, na realidade, “a pessoa

certa [juiz/a], nas circunstâncias certas [um juízo que segue todos os protocolos exigidos]”.

Casos como o do ‘faz de conta teatral’, em que inexisteriam factualmente as condições sociais necessárias para a realização da ação enunciada (logo, os efeitos de tais atos ficariam restritos ao universo ficcional), são desconsiderados por Austin. O filósofo considera que situações como esta, que, em teoria seriam incapazes de produzir efeitos materiais concretos fora da ficção, são estiolamentos (AUSTIN 1990 [1962]), ou seja, algo que enfraqueceria a linguagem e, portanto, foram excluídas de sua linha de raciocínio sobre os enunciados performativos.

Jacques Derrida (1991 [1972]), ao se debruçar sobre a teoria dos atos de fala elaborada por Austin, afirma que, ao contrário daquilo que foi desconsiderado pelo teórico, são as repetições que tornam possível a realização da ação enunciada: o que “confere aos performativos sua eficácia de fazer emergir uma nova realidade social é a repetição incessante de signos e formas convencionais que extrapolam o contexto imediato”. Dito de outra forma, Derrida (1991 [1972]) se apropria do que Austin (1990 [1962]) desprezara por acreditar tratar-se de algo que enfraqueceria a linguagem – os estiolamentos – para nos indicar que é justamente aí que habita a força da linguagem. O que garante a realização de um ato de fala não seria apenas o fato de tais atos cumprirem as condições sociais, intersubjetivamente estabelecidas, mas o exercício de repetir tais atos de fala uma e outra vez, associando-os a determinados sentidos e ações. Derrida (1988 [1972]) recorre a dois conceitos (iterabilidade e citacionalidade) para demonstrar sua teoria de que é na repetição que os significados são produzidos.

Derrida (1991 [1972]) afirma que os significados com os quais lidamos cotidianamente são resultados de iterações, ou seja, do efeito cumulativo que o resultado de sucessivas repetições projeta. Tal efeito cumulativo adquire caráter ritualístico e é o que torna a produção de significados socialmente compartilhados possível. Na visão do filósofo, a iterabilidade produz um constante fluxo de sentidos que são reatualizados em nossos embates semióticos diários, apontando para uma repetição que se altera (nunca é igual porque

mudam os contextos, os personagens etc.) a cada momento em que é realizada. Nesse sentido, Derrida (1991 [1972]), p. 359) argumenta que:

esta unidade da forma significante constitui-se apenas pela sua iterabilidade, pela possibilidade de ser repetida na ausência não só de seu “referente”, mas na ausência de um significado determinado ou da intenção de significação atual, como de qualquer intenção de comunicação presente. Esta possibilidade estrutural de ser privada do referente ou do significado (portanto da comunicação e do seu contexto) parece-me fazer de qualquer marca, seja ela oral, um grafema em geral, quer dizer, um grafema como se viu, a permanência não presente de uma marca diferencial separada da sua pretensa “produção” ou origem.

Em comunhão com a noção de iterabilidade, Derrida (1991 [1972]) trabalha com a ideia de citacionalidade. Segundo Espíndola (2017, p.53), “ao citarmos, tomamos um signo, texto, discurso de um determinado contexto e o transportamos para outro”. De acordo com essa linha de pensamento, a iterabilidade gera movimento à citacionalidade e vice-versa, pondo em marcha o binômio repetição-diferença, uma vez que a citação é aquilo que se repete, mas, ao ser inserida em um novo contexto, é dita/escrita/imprensa/projetada iteravelmente, ou seja, de outra forma, reatualizando sentidos. Em outras palavras: o efeito cumulativo da fala-ação é o que permite que determinadas palavras, quando enunciadas, realizem as ações que lhe correspondem. Cabe reiterar, porém, que a citação, por conta do deslocamento contextual que promove e o conseqüente processo de descontextualização-recontextualização que este envolve, faz com que qualquer enunciação possa ser dita/interpretada uma e outra vez de diferente forma. Desse modo, por conta da iteração, o que é citado (direta ou indiretamente) tem potencial para romper com o contexto anterior e construir um novo contexto – e aí reside o potencial de ressignificação que a linguagem alberga. Para Derrida (1991 [1972], p. 362):

qualquer signo, linguístico ou não-linguístico, falado ou escrito (no sentido corrente desta oposição), em pequena ou grande unidade, pode ser citado, colocado entre aspas; com isso, pode romper com todo o contexto dado, engendrar infinitamente novos contextos, de forma absolutamente não saturável. Isso não supõe que a marca valha fora de contexto, mas, pelo contrário, que não existem contextos sem qualquer centro de referência

absoluto. Esta citacionalidade, esta duplicação ou duplicidade, esta iterabilidade da marca não é um acidente ou uma anomalia, é aquilo (normal/anormal) sem o qual uma marca não poderia mesmo ter funcionamento dito “normal”.

Tal concepção pode ajudar a entender que, para que haja construção de sentidos/produção de significados, algo que nunca é unânime, liso e estanque, a citacionalidade e a iterabilidade atuam em conjunto: uma vez que o ato de citar supõe mencionar algo que já foi dito previamente, uma citação evoca o mesmo e o diferente. Como Gonzalez (2017) aponta, “se por um lado há mesmidade (repete-se o que já foi dito), por outro, há alteração: os efeitos de uma repetição jamais serão idênticos, afinal, o atual contexto no qual se volta a evocar o que já foi dito é outro”.

Nessa perspectiva, pensar a linguagem a partir de um ponto de vista performativo se integra à visão desafiadora que perpassa um estudo cartográfico, pois as questões desenvolvidas por Derrida (1991 [1972]) com base nas teorizações de Austin (1990 [1962]) dão sustentação, neste artigo, à concepção de mapas cartográficos enquanto produções performativas – que não somente descrevem, mas que criam (na iterabilidade e citacionalidade) as realidades enunciadas. Isso ocorre porque a linguagem se constitui a partir das possibilidades que tem de (re)criar e exceder, em seus usos, todos os tipos de textos com os quais o/a cartógrafo/a se depara (narrativas produzidas por sujeitos de estudo e/ou informantes, material advindo do processo de pesquisa e documentação, impressões e registros efetuados no diário cartográfico etc.) e os sentidos que lhes são atribuídos.

Tendo em vista a dimensão performativa presente na construção de uma cartografia, a seguir, abordaremos o processo de composição do texto cartográfico.

A composição do texto cartográfico-performativo

Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que seja em regiões ainda por vir (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 19).

A escrita de um texto cartográfico-performativo deve seguir uma confecção artesanal, fruto da imersão do/a pesquisador/a no território a ser estudado e naquilo que, em sua relação com o objeto/sujeitos de pesquisa, atrai um olhar atento do/a pesquisador/a. Isso inclui as múltiplas textualidades a que o/a cartógrafo se enfrenta agenciadas pelas contingências histórico-políticas que as atravessam, devendo as abordagens dessas textualidades ratificarem o comprometimento ético-político do/a pesquisador/a.

O que caracteriza o texto cartográfico-performativo é seu caráter produtivo (entendemos que todo texto é uma construção interessada e parcial) e heterogêneo (vamos muito além da noção tradicional de texto, vinculada à escrita). Isso implica dizer, respectivamente, que operamos com uma concepção de textualidade anti-representacional e que, para nós, texto é todo “conjunto coerente de signos” (BAKHTIN [1959-1961] 2003, p. 305). Isso inclui múltiplos recursos semióticos (fotografia, vídeo, áudio, escrita, arte visual etc.) e gêneros textuais (narrativas noticiosas⁶, publicações em blogs e em meios oficiais, compartilhamentos e comentários publicados em sites web e/ou redes sociais etc.). O texto cartográfico-performativo abarca, portanto, desde as transcrições das conversas, impressões do/a cartógrafo/a, informações sobre as experiências vividas, notas do diário cartográfico, fotografias de autoria própria e alheia, até todo tipo de material que pode contribuir para a tessitura da cartografia.

Uma pesquisa que utilize a cartografia performativa como abordagem investigativa deve traçar linhas compondo a arte de construir mapas, sempre inacabadas e abertas, que se conectem em momentos distintos, sem o compromisso de seguir um padrão ou qualquer esquema predeterminado. No mapeamento cartográfico-performativo por nós proposto, o/a pesquisador/a deve atentar para as relações múltiplas e heterogêneas que extraem potência das experiências, dos encontros, da vivência no território e do desafio de fazer emergir as presenças e a multiplicidade de vozes que se entrecruzam no empreendimento cartográfico. Configura-se, assim, um mapa

6 Gonzalez (2017) sugere que, em lugar de ‘notícia’ ou ‘reportagem’, utilizemos a expressão ‘narrativa noticiosa’ para destacar o caráter construtivo/produtivo, autoral/ficcional que permeia toda e qualquer narrativa, inclusive as noticiosas.

polifônico/polissêmico e também “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Por conta disso, o texto cartográfico pode ser inundado de movimentos e forças, de traçados e linhas conectadas a citações nem sempre literais. Tais citações, vale sinalizar, não precisam ser necessariamente linguísticas em *stricto sensu*. Especialmente se consideramos que, numa sociedade hipersemiotizada como a nossa, na qual somos constantemente expostos aos mais diversos estímulos visuais (MOITA LOPES, 2013), o texto imagético adquire cada vez mais protagonismo. Destarte, caberia destacar que tal ferramenta pode resultar extremamente útil para situar-nos, recordar-nos, devolver-nos à experiência de ‘haver estado ali no território’ e sinalizar matizes que, num primeiro momento, possam ter escapado, mesmo porque “signos imagéticos, assim como os linguísticos, nos dão pistas tanto da realidade retratada como de quem a retrata”. E embora fotografias, muitas vezes, sejam “revestidas socioculturalmente de carga icônica” (GONZALEZ, 2017, p. 23), neste artigo compreendemos que a fotografia, tal como a linguagem, não descreve estados de coisas, não os representa meramente. Fotografias performativamente constroem percepções/realidades/situações/personagens. E ademais:

... enquanto texto imagético, a fotografia é, a um só tempo, registro e alegoria. E, como tal, pode servir aos mais distintos propósitos. Mesmo porque o ato de fotografar implica mostrar e ocultar, enquadrar e transpor, além de imprimir à imagem resultante o arcabouço sócio-histórico, subjetivo e subjetivante de quem aciona o botão que captura a imagem (GONZALEZ, 2017, p. 23).

Nesse sentido, o uso de fotografias também poderá movimentar a trajetória de textos e levar a processos de ressignificação. Segundo Barros e Kastrup (2009, p. 73-74), “a cartografia parte do reconhecimento de que, o tempo todo, estamos em processo, em obra. [...] A análise do material se faz também no tempo, com o tempo, em sintonia com o coletivo” e com a produção e geração dos dados.

Desse modo, sintonizamos com a ideia de que pesquisar é forjar discursivamente uma perspectiva de ação, ação essa que se realiza performativamente no ato de circulação e ressignificação textual, do ver e rever,

do criar e recriar, enfim, ao longo do processo de produção cartográfica. Nesse sentido, nossa posição é a de que, na cartografia performativa, a análise dos dados gerados na pesquisa deverá dialogar com o entorno sociocultural que foi objeto de estudo sem, no entanto, apontar para pretensões generalizantes. Por conta disso, sugerimos que pesquisas que adotem a cartografia performativa como abordagem investigativa primem por atentar para a situacionalidade da questão estudada e que vislumbre o potencial micropolítico do projeto em curso.

(Des)aprendizagem e afetação/afecção na prática intensiva como cartógrafo/a

Muitas vezes, o automatismo com que executamos certas ações e estabelecemos correlações de sentido nubla nossa percepção, impedindo-nos de compreender a engrenagem que dá sustentação a certas práticas, lógicas e ideologias. Não estamos habituadas/os a questionar muitas das coisas as quais nos enfrentamos em nossa vida cotidiana porque estas, muitas vezes, parecem naturais, normais. A noção de (des)aprendizagem, proposta por Fabrício (2006), convida-nos a desnaturalizar/desnormalizar o que damos por certo, a exercitar um questionamento contínuo dos saberes que norteiam nossas vidas e pautam o convívio social. Em lugar de nos mantermos inertes ante a ordem já estabelecida, somos instados/as a decifrar seus meandros, a analisá-la, a não tomar nada como certo ou garantido previamente. Para a autora, a importância da (des)aprendizagem de qualquer tipo de proposição axiomática envolve um refinamento e uma reconstrução do processo de conhecer – aquele que se realiza no “trânsito por diferentes regimes de verdade e diferentes áreas disciplinares, desfamiliarizando os sentidos neles presentes e modificando a experiência da própria área de conhecimento na qual se insere” (FABRÍCIO, 2006, p. 60-61).

O exercício cartográfico levado a cabo a partir das experiências vividas ao longo do processo de imersão no território a ser estudado e de realização da pesquisa como um todo (o que inclui as etapas prévias e posteriores ao trabalho de campo), deve, em primeiro lugar, despir o/a cartógrafo/a de preconceitos e abrir espaço para (des)aprendizagens, para a potencialização das interações com sujeitos de estudo e informantes, para questionamentos e a (re)construção contínua da pesquisa e do/a próprio/a pesquisador/a. Tal postura favorece uma nova forma de implicar-se em investigações qualitativas de enfoque situado e

engajamento micropolítico, de relacionar-se com o objeto de estudo e com as pessoas a ele relacionadas, possibilitando que emerjam novas formas de pensar, agir, problematizar e compreender as contingências presentes nas vidas e histórias dos envolvidos/as, reinventando também o processo de escuta – e transcrição – de suas vozes. Isso, nas palavras de Gomes e Merhy (2014, p. 157), faz parte de “um exercício que convoca como parte integrante do processo da pesquisa, a problematização e invenção de si e do mundo”.

Para dar conta de traçar, acompanhar e reinventar o processo de realização de pesquisas tal como a cartografia performativa sugere, tendo esta experiência investigativa caráter dinâmico, flexível, mutável e produtivo, convém que o/a cartógrafo/a se sirva das mais variadas fontes, não só de teorias já amplamente validadas pela área de estudos a que se vincula. Rolnik (2006 [1989], p. 66), ao versar sobre o que chamou de ‘cartografia sentimental’, explica que a cartografia vai muito além de aportes teóricos e requer de quem se proponha a empreendê-la “embarcar na constituição de terrenos existenciais, na constituição da realidade”, mergulhando na geografia dos afetos, (re)inventando estratégias, discriminando graus de perigo e potência. Para que isso possa ter lugar, é necessário que o/a cartógrafo/a seja mobilizado/a por entre forças e afetos que o/a atravessam no emaranhado das linhas vitais, despindo-se da ideia de ser um sujeito detentor de conhecimento prévio. Desde o princípio, seu itinerário é gerado pelas forças do fora, por territórios que são móveis. Isso enterra a pretensão de se produzir qualquer representação estável e fidedigna de uma dada realidade, mesmo porque, na cartografia performativa, entende-se que o/a pesquisador constrói a realidade que aparentemente apenas descreve conforme sua investigação vai ganhando forma, seguindo por determinados caminhos. Soma-se a isso o fato de que, mais importante do que transportar o/a leitor/a para o território sobre o qual o/a cartógrafo/a se debruça é dar-lhe a oportunidade de compartilhar com o/a autor/a da cartografia o modo como este/esta é afetado/a pela experiência de imersão em um determinado território, pelas interações que lá viveu, pela maneira como foi impactado/a por suas paisagens, sons e cheiros, pela forma como se (re)construiu durante o processo, pelas descobertas que fez.

O/a cartógrafo/a, portanto, não precisa ter a ambição de fazer uma descrição minuciosa do território nem do objeto e dos sujeitos de estudo, posto que ele não está ali na posição de “testemunha ocular dos fatos”, mas sim na posição de um/a pesquisador/a que se abre a participar de forma aleatória dos encontros que a investigação oferta, que se expõe às intensidades de existências que se abrem à sua escuta/presença, que aposta em novas formas de narrar/existir/resistir, que enxerga linhas de fuga que apontam para novos caminhos, que reconhece a criatividade que brota da adversidade, que sai do lugar comum, que se reinventa etc.

O caráter performativo que a prática cartográfica enseja supõe a produção de um espaço de exercício ativo no qual o grau de abertura para as experiências a serem vividas corresponde ao “grau de abertura que cada um se permite a cada momento” (ROLNIK, 2006 [1989], p. 68). Em termos práticos, envolve desaprender/reaprender, fazer leituras, releituras, viver, reviver, resgatar lembranças, produzir recortes e costuras, deixar-se afetar e gerar afetos. O resultado que isso suscita em termos de registros e narrativas ganha a forma de diário cartográfico. Um instrumento muito mais “sentimental”, como sinaliza Rolnik (2006 [1989]), e catártico do que técnico, uma vez que é composto de matéria relacional “pinçada” das experiências do mundo dos afetos que tocaram, levaram à reflexão e/ou foram (res)significadas nas vivências do/a cartógrafo/a pelos territórios de práticas.

Quando falamos sobre afeto e/ou afetar-se, resulta oportuno considerar duas noções: afecções e afetos. É certo que ambas estão relacionadas com o modo como corpos agem uns sobre os outros, mas enquanto afecções são ações que envolvem os estados pelos quais um corpo passa quando outro age sobre ele, afeto diz respeito às transições entre esses estados. Para Deleuze (2002, p. 25):

o afeto supõe uma imagem ou ideia (afecção) da qual deriva como da sua causa. Contudo, não se reduz a ela; possui uma outra natureza, sendo puramente transitivo e não indicativo ou representativo, sendo experimentado numa duração vivida que abarca a diferença entre dois estados [...]. Quando eu falo de uma força de existir maior ou menor que antes, não entendo que o espírito compara o estado presente do corpo com o passado, mas que a ideia que constitui a forma do afeto afirma o corpo algo que envolve mais ou menos realidade que antes.

O poder de ser afetado, então, não significa passividade, mas afetividade, sensibilidade, abarcando os efeitos produzidos pelas sensações. As forças que se afetam estão em constante dinâmica, ativando e reativando qualidades, potências de força em eterno devir. No caso que nos ocupa, ou seja, a confecção de cartografias performativas, essas forças se fazem presentes tanto na incursão cartográfica pelo território de estudos e na geração dos dados como na confecção de mapas, na análise e na construção do texto. Presentes em todas as etapas da investigação, essas forças ratificam que a prática cartográfica produz um espaço de exercício ativo, em constante devir, em constante processo de desaprendizagem e reaprendizagem.

Considerações finais

Por seu caráter propositivo, este artigo não projeta conclusões. Nosso objetivo era apresentar/propor um modo de se usar a abordagem cartográfica como uma forma de realizar pesquisas na área das ciências humanas que coloca em prática a inseparabilidade entre o conhecer e o intervir, (re)construindo o lugar da/o pesquisador/a, lado a lado dos sujeitos com os quais interage em processos de coprodução mútua e simultânea ao longo da experiência investigativa na qual ambos embarcam.

Para dar conta desse objetivo, dedicamo-nos, primeiramente a versar sobre a abordagem cartográfica e o perfil do/a cartógrafo, distanciando-nos de uma noção tradicional de cartografia. Em seguida, evidenciamos a reversão metodológica que a cartografia opera: de *metá-hodós* a *hódos-metá* (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2009). Em termos práticos, isso implica que, em lugar de partir de determinadas metas para traçar o caminho que a pesquisa irá seguir, na cartografia, as metas surgem ao longo da trajetória investigativa. O foco no caminhar, no processo, que caracteriza a cartografia, é enfatizado pela perspectiva performativa que adotamos. Partimos da ideia de que usamos a linguagem para produzir inteligibilidade sobre o que nos cerca e sobre como somos impactados pelas experiências que nos atravessam. Ao entender a linguagem como performativa (AUSTIN 1990 [1962]), ou seja, como ação (e não representação), atentamos para o que somos capazes de fazer com palavras –

também com imagens, sons etc. – e para os efeitos daquilo que fazemos. Logo, o gesto cartográfico, tal como o concebemos aqui, é performativo porque, enquanto cartógrafos/as não nos limitamos a descrever uma dada realidade, mas sim atuamos como coautores dela. Essa dimensão autoral/subjetiva/interpretativa, bem como o compromisso ético-político que caracteriza a cartografia, são evidenciados no texto cartográfico-performativo, uma vez que sua construção não prevê uma dissociação entre teoria e prática, nem entre nossa ação dentro e fora do campo, dentro e fora da academia. Em outras palavras: nossas pesquisas, assim como nossas ações, estão ética e politicamente comprometidas com a produção de espaços, encontros, denúncias e afetações. Processos de (des)aprendizagem, como os sugeridos por Fabrício (2006), também ratificam esse engajamento ético-político que o gesto cartográfico aqui delineado abraça, uma vez que salienta a necessidade de nos desapegarmos de sentidos imobilizantes. Livrar-se de velhos vícios e abrir-se ao novo, ao desconhecido, desnaturalizando significados engessados, deixando-se afetar, também se alinha com o que propõe Rolnik (2006 [1989]) em sua *Cartografia sentimental*.

Esperamos ter logrado ilustrar, neste artigo, possíveis usos da cartografia performativa como uma proposta de abordagem qualitativa para a realização de pesquisas nas ciências humanas. Depois da bem-sucedida experiência que uma das pesquisadoras teve, utilizando-a em sua tese doutoral, acreditamos que tal proposta poderia resultar útil a outros/as pesquisadores/as desejosos/as de considerar novas possibilidades metodológicas de teor qualitativo, autoral e experiencial, com ênfase no engajamento político e nos processos subjetivos pelo/a pesquisador/a vivenciados. Pela necessidade de estabelecer um recorte, não tivemos como dedicar-nos aqui a demonstrar a aplicabilidade da abordagem sugerida, mas gostaríamos de encorajar a que outros/as pesquisadores/as o façam e, desde logo, ampliem a proposta por nós aqui rascunhada.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- AUSTIN, John L. *Quando Dizer é Fazer. Palavras e Ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, Laura.; KASTRUP, Virginia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 76- 91.
- BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *Cadernos Pagu*, n. 43, p. 441-474, jul./ dez. 2014.
- CINTRA, Amanda; MESQUISTA, Laura; MATUMOTO, Sílvia; FORTUNA, Cinira. Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan./abr. 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. Assinatura Acontecimento Contexto. In: *Margens da Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1991 [1972], p. 349-373.
- DIEZ TETAMANTI, Juan Manuel. *Cartografía social: teoría y método. Estrategias para una eficaz transformación comunitaria*. 1. ed. Buenos Aires: Biblos, 2018.
- DIEZ TETAMANTI, Juan Manuel et al. *Cartografía social: Investigación e intervención desde las ciencias sociales*. Comodoro Rivadavia: Universitaria de la Patagonia, 2012.
- ESPÍNDOLA, Hellem. S. *Quem pode “dar um rolé” no shopping? – cartografias comunicáveis e performatividade das “falas do rolezinho”*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada Interdisciplinar) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://posaplicada.letras.ufrj.br/pt/2021/03/25/teses-de-2020-ate-2017/>>
- FABRÍCIO, Branca. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-65.
- FONSECA, Tânia Mara; KIRST, Patrícia (Orgs.). *Cartografias e Devires: a Construção do Presente*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9a. ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1979.

GRAÇA, C. M. L. *Circulação de discursos e produção de existências: cartografia performativa em uma ocupação urbana para moradia*. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada, 2020.

GOMES, Maria Paula; MERHY, Emerson (Orgs.). *Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.

GONZALEZ, C. *Fotografia: o caso Verônica Bolina e a monstrialização semiótica discursiva de performances de gênero não binárias em narrativas noticiosas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada, 2017.

GUATTARI, Félix. *O inconsciente maquínico*. Campinas: Papyrus, 1988.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. *Noções básicas de cartografia*. Departamento de Cartografia. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo *Português no Século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MELLO, Glenda.; FERREIRA, Juliana. As ordens de indexicalidade de gênero, de raça, e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v.17. n. 3, p. 405-426, 2017.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. A experiência cartográfica e a abertura de novas pistas. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2016.

PINTO, Joana. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidade. *D.E.L.T.A.*, v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006 [1989].

SCHIFFRIN, Deborah. *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackwell, 1994.

SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão/SC, v. 14, n. 1, p. 67-84, jan./abr. 2014.

Enviado em : 17/07/2021.

Aceito em : 28/11/2021.